

Considerações metodológicas

É, com alguma estranheza e um enorme encanto, que dou comigo nesta figura de um quase detective, a tentar encontrar nas palavras de Raúl Iturra (1997) pistas para o texto que pretendo alinhar a propósito da orientação metodológica do presente trabalho:

“Nem todos os pais entram silenciosamente de manhã no quarto das crianças para acordá-las docemente com uma canção ou um poema ou um beijo. Um acordar que prepare o dia com o apoio afectivo que não fere pelo barulho. Facto que permanece não apenas na memória mas também no comportamento.” (Iturra, 1997:11)

Vou à procura do esclarecer deste sentimento novo que me ocupou quando li esta forma, também ela estranha, de intercalar com “ou” canções, poemas e beijos. Uma equivalência curiosa que parece não distinguir uns dos outros!

Avanço mais algumas linhas, exactamente até três linhas antes do fim da página nove onde o autor refere as atitudes

“...desse outro pai que escreve o seu livro com a filha pequena no colo enquanto o Fidélio de Bethoven mantém quente e calmo esse bebé de dias que ouve a voz do personagem com o seu nome cantar com o timbre parecido com a voz da sua mãe que o amamenta” (Iturra, 1997:9 e 10).

Por esta altura, o Zé Pedro (o meu filho mais pequeno) desenha, ainda, as patas da frente da vaca que, segundo ele, aquecerá no próximo Natal, o menino no presépio. É uma vaca gorda e de olhar meigo com uma forma que se aproxima, ao mesmo tempo, das vacas que eu sempre fiz e ele me viu já tantas vezes desenhar e daquela outra, que nos olha com ar mudo e despreocupado, pendurada na parede da cozinha.

A cena foi-se compondo, e os bonecos, foram-se aconchegando, a meias entre os rabiscos dele e a minha presença. Lá estavam o menino, S.José, quatro pastores, três outros bonecos que presumo reis pelas coroas, um trio de camelos em filinha, um burro e duas figuras femininas – as únicas figuras femininas de toda a cena – Maria, ajoelhada junto ao menino e, um pouco mais acima, a vaca de que falamos e que, para meu conhecimento e surpresa, o Zé Pedro decidiu pintar vermelha, por assim ser mais quentinha!. Reponho o olhar no livro e, do mesmo modo, deixo-me surpreender pelas últimas linhas da nota onde Iturra agradece a colaboração na obra: “... e acima de tudo, estou agradecido ao Concerto em Ré de Tchaikovski que o meu pai me ensinou a ouvir...”. (Iturra, 1997:13)

Definitivamente começo a achar que muito do que é o pretexto para a abordagem neste trabalho tem que ver com esta natureza afectiva e quotidiana no modo como experimentamos e construímos o mundo nas nossas cabeças e, ao mesmo tempo, partilhamos dessa experiência com os outros.

Quantas vezes terei lido aos meus filhos estas histórias, exactamente estes mesmos livros, sobre os quais agora trabalho? Quantas perguntas (deles) desafiaram um olhar (meu) de atenção às palavras, às ilustrações e às “margens” das palavras e “margens” das ilustrações? E que dizer do termo *palavrustração*, que inventamos juntos?

Se alguém conta um conto sempre lhe acrescenta um ponto, diz-se. E parece ser este acrescentar, esta capacidade de recriarmos, dum modo diferente, o que nos é dado experimentar que parece ser o fundamento da construção da nossa especificidade enquanto seres humanos.

Quando olhamos um quadro ou lemos um poema, vemos todos as mesmas formas, as mesmas palavras e, no entanto cada um de nós faz do quadro ou do poema algo de diferente e pessoal. Encontramos sinais diferentes, percebemos harmonias diferentes, surgem-nos novas imagens e relações, num confronto directo com nosso imaginário que se acrescentará delas.

Tenho um gosto particular pelas coisas impressas, sejam elas imagens, letras, algarismos, linhas, pontos, bonecos de qualquer tipo. Um gosto que me leva a resgatá-las onde quer que estejam e qualquer que seja o seu suporte: desde os livros nas livrarias, aos cartazes nas ruas, às brochuras sobre teatro ou de anúncios publicitários, às revistas nas papelarias ou num monte junto ao caixote do lixo, às etiquetas, aos rótulos, aos jornais...

Quanto aos livros de literatura infantil, esses, tenho-os quase sempre “à mão de semear”. E é com o mesmo gosto, com o mesmo fascínio sobre as “coisas impressas”, que me ponho a adivinhar-lhes, ainda fechados, a forma e tamanho das letras, o colorido das figuras ou o modo como o texto e imagens disputam o espaço livre dentro de cada página. Por vezes, quando encontro um livro novo, sou tentado ao exercício de uma espécie de ritual em quatro passos que me leva, primeiro, a cheirá-lo e a tacteá-lo por todos os lados, depois a abrir a capa e contracapa num mesmo plano e, de seguida, a segurá-lo pelo miolo formado pelo conjunto das suas páginas, como quem segura um rato pela cauda, e olhar ambas as guardas comparando o que trazem representado uma e outra entre si e com o que diz o título.

O carácter qualitativo da nossa investigação começou, assim, por assumir esta expressão de um registo subjectivo, muito próximo das experiências quotidianas em relação ao objecto sobre o qual iríamos fazer considerações.

Do ponto de vista metodológico, tornou-se, entretanto, clara para nós, a necessidade de encontrar um *corpus* de análise que, à partida materializasse fundamentalmente dois propósitos de abordagem: Por um lado, que os livros, pela sua diversidade de propostas editoriais pudessem ter como potencial destinatário um duplo leitor-modelo – a criança e o adulto. E, por outro lado, que as obras a estudar, promettessem, à partida, uma relação de diálogo texto-imagem profícuo.

Assim se compreende que as obras, contemplem desde textos verbais pouco extensos - “O Meu Avô” ou “A Lebre e a Tartaruga”, a outros relativamente mais extensos – “O elefante cor de rosa” e “Olga e Cláudio”; Possam referir-se a traduções/adaptações de clássicos como o “O traje novo do rei” ou a “A Lebre e a Tartaruga”. Que as ilustrações e o texto possam ser realizados por um só autor ou por duas pessoas distintas e que, neste último caso, os autores possam surgir com o mesmo destaque no nome ou surjam diferenciados em relação a isso e à sua função. Que uns títulos já tenham experimentado outras possibilidades de apresentação textual em distintas edições anteriores ou, então, que actuais edições se distribuam pelos anos 80, 90 e algumas já neste século.

Capítulo I